

# FIXAÇÃO DOS PREÇOS E INFLAÇÃO

Fernando Nogueira da Costa<sup>1</sup>

## 1 - TEORIAS DE PREÇOS

A **concorrência perfeita** é um modelo abstrato de um mercado com as seguintes características: cada agente econômico não pode afetar perceptivelmente o preço deste mercado; o produto é homogêneo (não-diferenciado); há livre mobilidade de capital e trabalho, sem barreiras à entrada; e todos os agentes econômicos neste mercado gozam de completo e perfeito conhecimento.

Nenhum mercado foi e nem pode ser perfeitamente competitivo. *A teoria não pode ser perfeitamente descritiva de fenômenos do mundo real, pois sua generalidade só pode ser atingida por meio de abstrações.* O **modelo de equilíbrio geral** busca mostrar as condições para o funcionamento equilibrado do mercado, ou seja, as condições que permitem informações para *ações consistentes* com o contexto, tanto com a limitação de recursos, quanto com o comportamento dos outros agentes.

A noção de *equilíbrio* relaciona-se com uma situação hipotética em que os agentes estão com suas expectativas sendo correspondidas. Neste caso, as ações tornam-se sistemáticas, permitindo aprendizagem, e sendo, portanto, teorizáveis. Na **abordagem neoclássica**, uma teoria econômica sem equilíbrio é impossível, pois há necessidade de repetições de uma situação para teorizá-la. O desequilíbrio nunca se repete nas mesmas condições, já que é fruto de ações contingenciais sob compulsão. Assim, o *equilíbrio* é uma ficção teórica, um estado idealizado que permite identificação de padrões e construção de teorias.

Com o mercado em equilíbrio, os agentes estão fazendo o que planejam, estão na posição desejada (*natural*), no limite de sua restrição de recursos. Num **modelo de equilíbrio geral**, os agentes econômicos são maximizadores. Todos têm informações perfeitas sobre as variações de preços relativos, sendo o **market-clear** realizado com preços relativos *flexíveis*.

Nos **modelos neo-walrasianos**, como o monetarista e o novo-clássico, há qualificação a respeito da hipótese de informações perfeitas. No **monetarista**, há *ilusão monetária*, termo comumente usado para descrever qualquer falha em distinguir magnitudes *monetárias (nominais)* das *reais*. Aceita-se a confusão, a curto prazo, por parte de alguns agentes, entre variação no *nível geral dos preços* e variação na *estrutura de preços relativos*. Justifica-se a reação ao *potencialmente observável* antecedente à reação devido à *percepção defasada*, em que se leva tempo para apreender informação sobre a variação do valor da moeda. No entanto, os **novo-clássicos** criticam-

---

<sup>1</sup> Professor Doutor do Instituto de Economia da UNICAMP.

no, afirmando que a *ilusão monetária* contradiz o paradigma de maximização, sendo uma explicação simplista para fenômeno que não cabe no modelo de equilíbrio geral: o evento aleatório. Para eles, agente econômico racional não erra sistematicamente; por sua conduta otimizada, suas perdas são aleatórias, quando não há aprendizagem por repetitividade. Um "comportamento irracional", no modelo de equilíbrio geral, seria uma resposta racional a problemas de coordenação sistêmica, por "ruídos" no canal de comunicação, p.ex., no caso de uma política monetária inesperada.

Numa **teoria da fixação dos preços**, cabe uma crítica ao *princípio do atomismo* (ou individualismo metodológico), comparando-o com o *princípio da unidade orgânica*, ou seja, examinar temas como relação micro-macro, ação racional versus coordenação, tensão indivíduo-estrutura, etc.. A crítica ao *atomismo* é porque ele considera propriedades dos atos unitários conceitualmente isolados e infere propriedades dos sistemas de ação somente por um processo de generalização direta desses atos.

Um **modelo keynesiano** incorpora também uma teoria da decisão racional *individual*, mas aponta para o "sofisma da composição", em que a lógica da ação individual pode resultar numa falta de lógica (inconsistência) dos agregados macroeconômicos. O problema não é ser a estratégia *racional*, ou não, sob o ponto de vista individual; o problema é ser uma estratégia *incompatível* com as dos outros, estabelecendo-se, então, um *processo de geração de incoerências*, cujo resultado seria imprevisível, incerto.

Nesse sentido, deve-se distinguir o *processo de interação* do *processo de iteração*. Este último refere-se ao ato de *iterar* ou repetir sequências de operações em que o objeto de cada qual é o resultado da precedente. Essa rotina dá suporte à idéia de *expectativa adaptativa* dos **monetaristas**. O processo de *interação* refere-se à ação mútua entre os agentes, que produzem futuro imprevisível, cabendo a idéia de *expectativa incerta* dos **pós-keynesianos**. Há um problema de *interdependência estratégica*, quando as estratégias individuais não são consistentes com as estratégias alheias, devido a divergências quanto a cenários futuros. Com decisões descentralizadas não-coordenadas, os resultados macroeconômicos são imprevisíveis e/ou incoerentes.

Diferentemente do processo de *iteração*, no de *interação* o que aconteceu no passado não garante que o mesmo acontecerá no futuro. Não se deduz um *princípio de indução*. O drama dos economistas que conduzem a política econômica sobre hipotéticas regularidades é que os agentes "agem e reagem" aos padrões comportamentais identificados, diversificando-os. Não há reação homogênea na pluralidade dos agentes.

É necessário adequar os **modelos de fixação de preços** às circunstâncias de estabilidade ou instabilidade. Na primeira situação, um **modelo de preços normais** supõe que as ações são consistentes ou coerentes entre si, via contratos. Com a hipótese de **mark-up fixo**, teoriza a *inflação inercial ou estável*. No segundo caso, num **modelo de preços anormais**, as ações tornam-se inconsistentes e/ou descoordenadas, devido a rupturas de contratos. O **mark-up** torna-se *flexível*, produzindo uma *inflação acelerada ou instável*.

## 2 - PREÇOS RELATIVOS VS. NÍVEL GERAL DOS PREÇOS

A **Teoria Quantitativa da Moeda** defende que apenas através do *gasto de moeda*, via um *efeito real* antecedente sobre a demanda de bens, ocorre uma variação no *nível geral dos preços*.

Isto se dá quando toda demanda monetária por bens é maior ou menor do que a oferta de todos bens contra dinheiro.

Essa **teoria monetária dos preços** não se refere aos *preços relativos*. Estes poderiam ser afetados diretamente por empresas com poder de mercado diferenciado; porém, segundo interpretação de Wicksell, esses monopólios ou oligopólios - sob o risco de redução da demanda a longo prazo - tratarão de obter seus lucros reduzindo os custos fixos, fazendo com que os preços baixem ao invés de subirem. O relativo barateamento de certo grupo de mercadorias devido a melhores condições de produção (aumento de produtividade) não ocasionaria um descenso equivalente em seu preço em moeda (*preço absoluto*), mas simplesmente não acompanharia (caso ocorresse) um aumento dos preços em todas mercadorias.

No entanto, os oligopólios conseguem proteger suas margens de lucro diante da retração da demanda. Para compensar a queda da produção e vendas, com consequente aumento do custo fixo unitário, a empresa corta custos variáveis e aumenta preços, mantendo assim a massa de lucros. Esse comportamento de aumento de preços acima do índice geral de preços acumulado só é possível em função do poder de manipulação de mercado dos oligopólios. Devido à competição, o setor competitivo não é capaz de elevar seus preços na mesma quantidade que o oligopolista, o que conduz a uma deterioração dos preços relativos.

Uma **teoria da fixação dos preços**, alternativa àquela teoria monetária dos preços, tem que argumentar que variações *não-monetárias* induzidas nos preços de algumas mercadorias não são contrabalançadas por mudanças opostas nos preços de outras. Dessa maneira, a alteração de preços relativos pelos oligopólios acabaria afetando a média ponderada do índice geral de preços.

A Teoria Quantitativa da Moeda argumenta que, caso ocorra uma redução significativa da quantidade de moeda, para manter o mesmo nível de produção e emprego que havia quando a quantidade de moeda era maior, é necessário obter uma redução generalizada dos preços básicos (preços dos bens, salários, câmbio, juros, tarifas, etc.). Se todos esses preços diminuíssem na mesma proporção, os valores relativos não se alterariam, e a quantidade de moeda tornar-se-ia suficiente para atender a atividade econômica.

O problema é que, numa economia de mercado *não-coordenada*, com poderes de mercado diferenciados, não há garantia de que todos vão participar igualmente do processo. Portanto, ninguém toma a iniciativa de reduzir seu preço, sob o risco de não ser acompanhado por outros e ter sua margem de lucro esmagada. "A dificuldade de resolver o problema de coordenação numa economia capitalista faz com que os preços e os salários tornem-se relativamente inflexíveis para baixo; ou seja, os preços e os salários só declinam em termos nominais quando a economia entra em depressão econômica"<sup>2</sup>. Sem a "solução espontânea" de diminuir preços, a depressão só pode ser evitada se se elevar a quantidade de moeda ou se a velocidade de circulação da moeda aumentar.

Com inflação, basta deixar de aumentar um preço por algum tempo para ocorrer sua redução relativamente aos demais. Consequentemente, a disposição para aceitar reduções nominais de preços é ainda menor. No caso de algum agente econômico tentar elevar seu preço relativamente, com reação dos outros agentes, as mudanças de preços relativos se transformam em fator de pressão inflacionária.

---

2 LOPES, Francisco. *O Desafio da Hiperinflação*, p. 30

Numa economia com *rigidez de preços nominais* (para baixo), qualquer *alteração de preços relativos* só poderá ocorrer com uma *elevação do nível médio de preços*, ou seja, com *inflação*. Se esta inflação requerida para alteração de preços relativos não for *sancionada* por uma política de acomodação passiva da quantidade de moeda, haverá depressão.

Numa sociedade com mentalidade inflacionária, interpreta-se qualquer aumento de preço como sintoma de inflação. Não mais se utiliza o sistema de preços como sinal de mercado fidedigno das condições de oferta e de demanda. Ao contrário dos modelos neo-walrasianos, onde os preços relativos atuam como índices de escassez, sinalizando remunerações e alocações de recursos, assume-se que qualquer alteração dos preços relativos é arbitrária e inaceitável, e não reflexo das condições reais de mercado. Adota-se mecanismos de indexação como forma de neutralizar a inflação. Numa economia indexada, em que todos os preços são reajustados periodicamente de modo a compensar a inflação passada, fica ainda mais difícil obter mudanças de preços relativos.

Portanto, "enquanto na **economia não indexada**, se os preços e os salários forem inflexíveis para baixo, só é possível obter mudanças de preços relativos através de uma elevação do nível médio de preços (ou seja, através de uma inflação temporária); na **economia indexada**, mudanças de preços relativos exigem aumento permanente na taxa de inflação. A indexação cria o que os economistas denominam de *inflação inercial* (...). A inflação de ontem passa a ser a causa principal da inflação de hoje, e esta por sua vez tenderá a se transformar na inflação de amanhã"<sup>3</sup>. Na *inflação inercial*, a moeda permanece passiva, com sua quantidade aumentando junto com a alta geral dos preços.

A indexação procura inibir qualquer alteração de preços relativos quando tenta relacionar automaticamente cada preço ao índice geral de preços. Se todos os preços variarem proporcionalmente à sua média ponderada, a relação entre todos permanecerá fixa. Quando ocorrem alterações dos preços relativos, há aumento permanente da taxa de inflação. Na ausência dessas mudanças, a inflação parece estabilizar-se em um patamar.

*Onível geral dos preços* é uma média ponderada de um conjunto de preços (p. ex., dos produtos da cesta básica de consumo das famílias em certa faixa de renda). Sua evolução depende da variação dos diferentes preços. Se estes evoluem diferenciadamente no tempo (com atrasos ou defasagens), os preços relativos se dispersam. Na realidade, os preços não evoluem independentemente uns dos outros. Há mecanismos de indexação *formal*, mas sobretudo *informal*, dos preços entre si. As interdependências resultam da estrutura de produção, das estratégias concorrenciais ou de complementariedade.

"As modificações da estrutura dos preços relativos produzem dois efeitos: o período de estabilidade de um preço - mas de deterioração de sua posição relativa - diminui; a indexação tende a se generalizar e, com o questionamento acerca da confiabilidade dos índices, novos índices aparecem, cuja função é a de refletir melhor, e sobretudo mais rapidamente, a evolução da inflação"<sup>4</sup>.

Em um processo inflacionário, com perda da confiança na *moeda nacional* como unidade de conta, constitui uma ação racional (ao nível microeconômico) substituí-la por alguma outra instituição, como um *indexador* ou, mesmo, uma *moeda estrangeira*. Assim, gradativamente, à medida do ritmo inflacionário, verifica-se um **processo de substituição de indexadores**.

---

3 Idem, p. 34

4 SALAMA, P & VALIER J. *A Economia em Decomposição. Ensaio sobre Hiperinflação*, p. 14

1. **indexador ex-post**: em função do custo, para manter a margem de lucro histórica;
2. **indexador inercial**: em função do índice geral de preços, para reposição das perdas passadas;
3. **indexador aceleracionista**: em função de um índice de preço-guia, para acompanhar a liderança de preços;
4. **indexador ex-ante**: em função da expectativa de inflação, para reposição futura dos estoques e formação do preço a prazo;
5. **indexador instantâneo**: em função do dólar paralelo, para evitar defasagens.

Na economia brasileira, há distintos setores em que cada qual utiliza-se de um desses indexadores para fixar seus preços, o que eleva a dispersão de preços relativos. Atualmente, predomina uma "transição" entre os dois últimos estágios. O resultado desse **processo de fixação de preços** é que, além da *margem de lucro* sobre custos históricos, os oligopólios incorporam uma *margem de segurança*, para cobrir o risco de erro na antecipação de custos esperados, numa espécie de *indexação ex-ante*. Esta antecipação da inflação esperada constitui um processo cumulativo (um "círculo vicioso") com reflexo na inflação prevista. Outra forma de minimizar o risco crescente de defasagem é abandonar a expressão do preço em moeda nacional e fixá-lo em dólar. Observa-se então um **processo de dolarização dos preços**.

Dá a necessidade da **âncora**, elemento coordenador dos preços, que proporciona certa previsibilidade para aumentos futuros. Com os preços cotados numa nova "moeda" (ancorada ou lastreada), seriam reduzidas as chamadas variações de preços relativos, possibilitando um alinhamento mais rápido, de acordo com os preços internacionais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COSTA, Fernando N.. *Estado de Confiança e Hiperinflação*. in REGO, J. M. (org.). *Inflação e Hiperinflação: Interpretações e Retórica*. SP, Bional, 1990.
- COSTA, Fernando N.. *Política de Câmbio e Juros vs. Dolarização Programada e Banco Central Independente*, in *Texto para Discussão* n. 4. Campinas, IE-UNICAMP, jan / 1992.
- COSTA, Fernando N.. Introdução e Tradução. HUMPHREY, T. H.. *The Quantity Theory of Money: Its Historical Evolutions and Role in Policy Debates*. [Economic Review. May/June 1974. *tb.* in CHRYSTAL, K. Alec (ed.). *Monetarism I*. London, Edward Elgar, 1990.] *Texto Didático de Economia Monetária*. Campinas, IE-UNICAMP, jun / 1992.
- COSTA, Fernando N.. *Além da Hiperestagflação*, in *Estudos Especiais* n. 4. Campinas, CECON-IE-UNICAMP, mar / 1993.
- COSTA, Fernando N.. *Postulados de uma Teoria Alternativa da Moeda*, in *Anais do XXI Encontro Nacional de Economia*. BH, ANPEC, dez / 1993.
- FRENKEL, Roberto. *Hiperinflação: o Inferno tão Temido*, in REGO, J. M. (org.). *Inflação e Hiperinflação: Interpretações e Retórica*. SP, Bional, 1990.

- FRIEDMAN, Milton. *Inflação e Desemprego: a Novidade da Dimensão Política*, in *Clássicos de Literatura Econômica*. RJ, IPEA-INPES, 1988. pp. 421-448.
- HOWITT, Peter. *Money Illusion*. in EATWELL, J., MILGATE, M & NEWMAN, P. (ed.). *The New Palgrave: Money*. UK, Macmillan, 1990.
- KLAMER, Arjo. *Conversas com Economistas*. SP, Pioneira-Edusp, 1988.
- LOPES, Francisco. *O Desafio da Hiperinflação*. RJ, Campus, 1989.
- POSSAS, Mário. *Estruturas de Mercado em Oligopólio*. SP, Hucitec, 1985.
- SALAMA, Pierre & VALIER, Jacques. *A Economia em Decomposição: Ensaio sobre Hiperinflação*. RJ, Nobel, 1992.
- WALRAS, Léon. *Compêndio dos Elementos de Economia Política Pura*. SP, Abril Cultural, 1983.
- WICKSELL, Knut. *Lições de Economia Política*. SP, Nova Cultural, 1986.